

Conhecendo a cidade de Salvador em “Os dias do medo”

Sandra Regina Martins

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Conhecendo a cidade de Salvador em “Os dias do medo”

Sandra Regina Martins¹

Os Dias do Medo é um romance escrito por Ariovaldo Matos em 1979, que narra os dias vividos por Antônio Petrucci. Não apenas os dias de medo passados em 1937, quando o então presidente Getúlio Vargas, através de um golpe de Estado, decreta o Estado Novo e fecha a Câmara dos Deputados e o Senado, mas sua história desde menino, até tornar-se Senador da República, após o término do Estado Novo, em 1945. Ariovaldo Matos, baiano e jornalista, estreou com o romance *Corta-Braço* (1955)², que narra a luta de posseiros para a construção de um bairro em Salvador. Em 1960 e 1965, respectivamente, editou *A Dura Lei dos Homens* e *Últimos Sinos da Infância*, livros de contos, um dos quais, *A Construção da Morte*, foi filmado por Orlando Senna. Em 1970, reuniu, no volume *Teatro*, duas de suas peças: *A Engrenagem* e *O Desembestado*, esta última encenada em São Paulo, Salvador e Curitiba, tendo sido adaptada para a TV Cultura por Antunes Filho. Em 1975, publicou *Anjos no Rin-*

gue, contos. Teatrólogo, foi autor também das peças *Irani ou as Interrogações*, *Bibi telefona* e *E todos foram heróis, cada qual ao seu modo*, encenadas em Salvador. *O Ringue*, durante anos, ficou proibida pela Censura Federal. Em 1978, ganhou os dois prêmios para livros de contos e peça teatral instituídos, em âmbito nacional, pela Fundação Cultural da Bahia. Foi detentor de vários outros prêmios nacionais e estaduais, inclusive com *Os Dias do Medo*. Preso em 1964 e 1970 pelo crime de ter idéias, foi editor-chefe do “Jornal da Bahia”, cronista político da Rádio Cultura e fundador dos semanários *Sete Dias* e *Folha da Bahia*. Tem contos traduzidos em francês, romeno e russo. Foi, ainda, autor dos romances *Quinteto de Ondina* e *Anjos Caiados*.

O livro, inicialmente, retrata a cidade de Salvador no começo do século XX, quando Vincenzo Petrucci e seu irmão Leonardo partem da cidade de Nápoles, na Itália, rumo ao Brasil:

... diga que de Nápoles ele saiu em busca de São Paulo, mas não esteve a contento, brigou com um primo, e foi para a Bahia com o tio Leonardo, e maluco pelo mar e as coisas do mar, tio Leonardo embrenhou-se Pituba adentro e meu pai passou a morar na rua do Tijolo, uma pensão mais ou menos para proletários. (p.201).

Na pensão, seu pai conhece sua mãe, Sophia, baiana de São Sebastião de Passé, que ali às vezes trabalhava como doméstica. Seu pai trabalhava com couro:

... trabalhava e contava e foi trabalhando/contando/bebendo, a verdade é que ele bebia muito, foi assim que se casou, levando minha mãe para os fundos de sua lojinha no Taboão, uma casa encardida, me lembro, limo verde-escuro nas paredes do quintal de terra sempre molhada, vez que para aquela área convergiam as calhas dos sobrados laterais, mas nós (Tônio - era como o pai de Antônio Petrucci o chamava - seu pai e sua mãe) não nos demoramos ali... Papai decidiu transformar em casa atijolada a palhoça de tio Leonardo na Pituba, e foi ótimo, maravilhoso, eu que era sempre doentinho passei a quase não ter doenças, meu pai não parava de cantar. (p. 201-2)

Souza (1990, p. 11) argumenta que, na cidade de Salvador do começo do século XX,

... a ocupação urbana concentrada ainda se resumia, praticamente, aos limites das primeiras cumeadas e áreas adjacentes, no entorno do núcleo histórico, e à faixa de área plana, na borda da baía, até a península de Itapagipe, hoje Itapagipe. As demais ocupações, em direção a pontos mais afastados da orla, como Barra, Rio Vermelho, Amaralina, e de áreas mais internas, como Campinas, Pirajá e Cabula, eram espaçadas e se situavam ao longo de estradas e caminhos que se estendiam nas linhas de cumeada. As áreas de vales não eram ocupadas e, quando aproveitadas, o eram basicamente para culturas de subsistência.

Essas características básicas da ocupação inicial mantiveram-se praticamente inalteradas até os anos quarenta, do século XX, quando mudanças nacionais e regionais, gestadas em período um pouco anterior, acabaram por se refletir no processo de estruturação urbana de Salvador e, conseqüentemente, na sua base espacial.

Sobre a Pituba, há o seguinte registro:

Morávamos na Pituba, o mar na porta, uma casa de remediados, a única de telha-vã naquelas redondezas. As outras, disseminadas ao longo da praia, cobertas com palhas de coqueiros, eram habitadas por pescadores. (p.21)

Após a mudança para a Pituba, seu pai percorria longo caminho até chegar à sua oficina de couro:

Todos os dias, cedinho, ao sair para o trabalho, caminhava muitos quilômetros. Alcançando a encosta de Brotas, galgava-a e punha-se a esperar o bonde, puxado a burros, que o deixaria na Baixa dos Sapateiros, onde o Taboão começa. Localizava-se no Taboão, bem distante da Pituba, a sua oficina. Acanhada, fria, escura, encravava-se em um dos sobradões de três a quatro andares, quase à borda do despenhadeiro, lá em baixo, perto, a rua do papel. Dali, como que em privilegiado mirante, podíamos

ver a colina do Bonfim, no alto a Igreja solitária, e então ele fazia o sinal da cruz, olhando-me como se eu devesse repetir aqueles movimentos. Obedecia, imitava-o, mas preferia espiar à esquerda e reparar no porto improvisado, na Ilha de Itaparica, adivinhando as rochas da Barra, e, além, no mar que se estendia, imenso, mar que tio Leonardo conhecera pedaço a pedaço, mar que para mim era o grande ventre do mundo. (p.22)

Tônio, quase no final da narrativa, quando então adulto e conhecedor de várias partes do mundo, faz questão de distinguir entre mar e oceano:

... herdei de meu tio Leonardo esse amor ao mar. O mar, e não o oceano, compreenda, o mar me seduz. Faço uma distinção, talvez arbitrária (e nisso sigo meu saudosíssimo pai), entre mar e oceano. O mar, para mim, supõe a existência de terra alcançável. O oceano, não. O oceano, se não me infunde medo, me intranqüiliza. À vista do mar, renasce-me no coração não sei que sentimentos de retorno às minhas origens primeiras, misteriosas, transcendentais... (p.156).

Esse mar – ventre do mundo – era o mar alcançado pelas terras de Salvador: “... a Bahia é uma cidade do mundo. Excluída a paisagem, basicamente ela nos chegou de fora, coisas e gentes se amalgamando, portugueses, negros da África, árabes, turcos.” (p. 22)

O mar de Salvador, o mar da Pituba, que Tônio, seu tio Leonardo e seu pai, em várias partes da narrativa, demonstram grande afinidade. Uma afinidade que seu pai tinha por toda a cidade. No respeito à Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, na alegria dos banhos de mar, no caminhar pelas trilhas de Brotas, de mata fechada, com muitas cobras:

Juntos fizemos, inúmeras vezes, aquele percurso, para outros demasiadamente longo e cansativo, para nós, o rei e seu filho, uma festa de inesquecíveis repetições... e prosseguíamos e sentíamos como nossos os prados e os enlaidamentos que se sucediam, terras e areais da cidade que muita lentamente se iam expandindo na direção da orla atlântica. (p. 22-3)

Santos (1997, p.264) argumenta que o novo espaço exerce grande fascínio ao migrante, fascínio que se transforma em afinidade:

Ao contrário do que deseja acreditar a teoria atualmente hegemônica, quanto menos inserido o indivíduo (pobre, minoritário, migrante...), mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil.

O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo...

A narrativa descreve Vincenzo Petrucci de modo semelhante ao dessa argumentação:

Era todo o seu mundo: a memória, a oficina, a casa, os amigos, aqueles repetidos caminhos nunca tediosos, as apetitosas ladeiras de Itapuã, eventuais encontros com os marinheiros. Em certas tardes, quando lhe dava na veneta, fechava a oficina mais cedo e, de cambulhada com mascates, meganhas, gentes outras que eu não identificava, descíamos a ladeira íngreme, quase sempre barrenta, que terminava em pequena praça, a poucos passos da rua Guindaste dos Padres, e então andávamos em direção ao mar da baía de Todos os Santos e perto do porto permanecíamos a olhar os navios estrangeiros que chegavam para descarregar caixotes, além de volumes mais pesados, trilhos, sempre muito trilhos, em troca recebendo sacas e sacas de açúcar, fardos de fumo, toros e toros do precioso jacarandá hoje tão vasqueiro em nossa terra. Cacau? Não se falava ainda, que eu me lembre.

Se divisávamos algum navio de bandeira italiana, meu pai se excitava. E, todo contentamento, apressava-se em afretar uma catraia e partíamos para abordá-lo e ele gritava para os marinheiros e em muitas oportunidades subíamos aos conveses, cativando-os, e aos oficiais, com ofertas de quinquilharias com-

pradas a dez-réis às mulheres que, na Pituba e em Itapuã, trabalhavam no aproveitamento artesanal das cascas de coco seco. (p. 25 e 27)

No início da segunda década do século XX, o pai de Tônio morre. Sua mãe casa-se com um conhecido de seu pai, também italiano, Giuseppe Camposanto. A família muda-se para Santo Antônio Além-do-Carmo:

Um sobrado de socavão, térreo e dois andares, alugado a um árabe. Ali fora organizada a nova oficina, aproveitadas algumas das máquinas manuais de papai. Habitávamos o primeiro andar. No segundo havia estoques de couros, peles, etc... No térreo e no socavão, as luzes sempre acesas – candeeiros de grossas mechas –, funcionavam as oficinas.

O Sr. Giuseppe decidira-se pela produção, em quantidades sempre crescentes, de calçados populares, inclusive tamancos, chinelos e alpercatas grosseiras. O artesão, munido de ambições novas, convertia-se num arremedo de empresário industrial, participando de todas as etapas do processo produtivo. (p. 45)

Tônio vai estudar em uma escola no Largo de Santo Antônio, onde também estudavam os filhos dos ricos da Rua Chile.

A prosperidade nos negócios permitiu que Giuseppe oferecesse à família, no segundo e no quarto domingo de cada mês, após a missa das onze na Igreja da Piedade, almoços em uma pensão de italianos na rua de Baixo (hoje Carlos Gomes), perto do Cassino Bahiano. Seguiam-se passeios pelo Campo Grande e jantares no Hotel Sul-Americano, esquina da Ladeira de São Bento com a atual Carlos Gomes.

Pouco tempo depois, mudaram-se para um imóvel de dois andares, na avenida Sete de Setembro, trecho das Mercês. A escolha deveu-se “... à boa qualidade da vizinhança, à esquerda um alto funcionário da Alfândega, a direita, e apesar de francês, um homem educado, o engenheiro Émile Lauzimier Deschamps, técnico da Chémins de Fer”. (p. 67)

Tônio, para diminuir a tristeza das lembranças de seu pai, de seu tio, da vida livre na Pituba, dedica-se totalmente aos estudos. Sente-se prisioneiro no sobrado das Mercês, como também se sentia prisioneiro no Santo Antonio Além-do-Carmo.

A dedicação aos estudos, a influência do Sr. Giuseppe, devido à prosperidade nos negócios, o descontentamento com a própria vida, traçaram o destino de Tônio, que se tornou advogado e político. Infelizmente um político corrupto e mal intencionado.

A cidade de Salvador, na terceira década do século XX, para Tônio e líderes de seu partido, é representada apenas pelos votos que pode oferecer-lhes:

Pituba? Mas, meu filho, aquilo é o fim do mundo. Ali só existem uns dez eleitores, se tantos. São Salvador é uma cidade em forma de U. A Penha e a Ribeira, estendendo-se pelo Porto dos Tainheiros, fazem a principal extremidade: muitos milhares de eleitores. Rio Vermelho e, já escasseando, Amaralina, formam a outra extremidade do U. Um eleitorado rarefeito. (p. 122)

Em certas partes da narrativa, percebe-se como Tônio transfere todas as suas emoções para os lugares. Muitas vezes, temendo as consequências de suas atitudes, acreditava ouvir seu pai: "... tudo isto é muito pobre, é muito sujo, Tônio; ainda há frestas na pocilga, filho, fuja, limpe-se na luz do sol, limpe-se nas águas da Pituba, limpe-se!" (p. 131).

O ódio adquirido pelo Sr. Giuseppe era transferido para Milão, sua cidade natal, enquanto sentia amor pela Calábria de seu pai:

Calabreses, acreditai-me, eu vos amei! Extensas e duradouras viagens pelas cidades e vilarejos da Calábria. Milão? Nunca! Milão?, admiti, mas só se fosse para mijar, o máximo possível, nas suas avenidas e ruas, nas praças e nos jardins, só se fosse para defecar nas estátuas de seus heróis... (p. 8 e 77)

A narrativa de Antônio Petrucci é escrita no final da sexta década do século XX, por seu secretário Aberlardo D' Antunes, outro perso-

nagem do livro, um baiano soteropolitano que odiava Salvador: “...confesso, já naqueles anos, bem jovem, minha aspiração era a de sair da Bahia, era a de ganhar o mundo, o Rio em primeiro lugar. A Bahia era e é uma terra de velharias, de pessoas abelhudas, gentes pobres e feias, sem movimento, sem atrativos.” (p. 16)

Após sua morte, solteiro e sem filhos, Antônio Petrucci deixou a maior parte de sua herança para Abelardo, em troca de algumas obrigações:

Ainda no que se refere às disposições testamentárias, unicamente lamento as canseiras de duas obrigações:

a) devo manter permanentemente floridos dois túmulos no classe média cemitério da Quinta dos Lázaros... o do pai do senador, Sr. Vincenzo Petrucci, e o de um certo Arimar Cardoso, de quem o senador, quando jovem estudante, foi colega na Faculdade de Direito, fim dos anos dez, início da década vinte (a mãe de Tônio e seu padrasto Giuseppe tinham sido enterrados no cemitério do Campo Santo);

b) devo, igualmente, todos os anos, em janeiro ou fevereiro, comprar jangada já bastante usada, atapetá-la com flores as mais alegres, provê-la com garrações de vinho tinto, de sempre mais caros salames e queijos populares calabreses, e fazer com que uma lancha a reboque, vazia de gente tal jangada, até os começos do oceano norte baiano. E ali abandoná-la ao sabor e aos caprichos das águas, ‘bem onde as ondas não fraquejam e não morrem’. Papai, eu, tio Leonardo, Lisa, guiados pelo bom Deus, nós encontraremos as jangadas, ano após ano. Faça o que eu mando, Abelardo, ou perseguirei você até o mais abissal dos infernos! (p. 9).

Considerações finais

A proposta da realização de uma leitura geográfica do espaço através da análise de um romance é, no mínimo, uma atividade de grande satisfação, e, de fato, uma possibilidade.

Entendendo-se o espaço geográfico como o conjunto de indivíduos, suas ações, produção, objetos, lugares, em um constante pro-

cesso interativo, cuja apreensão é realizada através do entendimento desse processo, teremos a análise dos romances urbanos como uma das formas a serem utilizadas para apreensão e representação do espaço geográfico das cidades, visto que, além de apresentarem elementos reais em sua ficção, narram a relação dos indivíduos com os objetos, lugares, objetivando que o leitor compreenda essa relação.

NOTAS

¹ Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia.

² O Romance *Corta-Braço* foi analisado geograficamente: SILVA, A.M.; SANTOS, E.M.C. e MARTINS, S.R. 'A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance "Corta-Braço"', e publicado em Cadernos de Geociências número 6. Salvador: Instituto de Geociências da UFBA, 2001, p.27-39.

REFERÊNCIAS

MATOS, A. *Corta-braço*. 2 ed. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

_____. *Os dias do medo*. São Paulo: Livraria Cultura, 1979.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p.

SILVA, A. M.; SANTOS, E. M. C.; MARTINS, S. R. *A geografia através da literatura: duas abordagens do romance "Corta-Braço"*. Cadernos de Geociências, Salvador, n. 6, p. 27-39. 201.

SOUZA, A. M. G. *Invasões e intervenções públicas: uma política de atribuição espacial em Salvador, 1946-1989*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.